

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : Jornal do Campus nº 51

CLASS. : 169

DATA : 29 07 87

PG. : 6

Índios ameaçam fronteiras

"Estamos decididos a fazer a demarcação das nossas terras, e se acontecerem problemas maiores entre índios e brancos, não seremos culpados, porque dez anos de reivindicação não são dez dias nem dez horas do dia." Como os invasores dos terrenos na Zona Leste da cidade de São Paulo ou os famintos saqueadores do Nordeste, os índios Ticuna e os representantes de tribos que habitam a Amazônia vieram à 39.ª Reunião Anual da SBPC para dizer que estão cansados de exigir seus direitos. E a única saída é agir com as próprias mãos.

Pedro Mendes Gabriel, líder da tribo Ticuna, e Pedro Inácio Pinheiro, cacique-geral da tribo Ticuna, participaram do Simpósio "O Projeto Calha Norte", sobre o qual a Associação Brasileira de Antropologia (ABA) preparou um dossiê completo. O depoimento dos índios roubou a festa. O Conselho de Segurança Nacional proibiu as demarcações das terras indígenas na área do projeto Calha Norte. Essa área compreende quase um terço do território nacional e alcança os Estados do Pará e do Amazonas e os territórios de Roraima e Amapá. Várias nações indígenas desta parte do País confessaram que estão vivendo em constante perigo por causa das invasões de grupos cada vez maiores de mineradores, madeireiros, caçadores e seringueiros.

João Pacheco de Oliveira Filho, antropólogo da Universidade Federal do Rio de Janeiro e coordenador do Simpósio, considera o Projeto Calha Norte um incendiário social. "Ele foi feito de forma extremamente autoritária, sem pedir a opinião de ninguém. Vai afetar definitivamente a vida das populações nativas da região."

Os objetivos do Projeto são o desenvolvimento e a segurança na calha do rio Amazonas. Para isso, segundo o Con-



Índios Ticunas presentes ao simpósio

selho de Segurança Nacional, é preciso demarcar as fronteiras, reforçar a presença do Estado nessas áreas e incrementar as relações exteriores. De acordo com João Pacheco, os recursos para o Projeto superam Cz\$ 600 milhões.

Somente 12% desse dinheiro está destinado para demarcação de terras, o resto é para gastos burocráticos e construções. Já iniciaram as obras para construção de aeroportos, guarnições militares e novos postos regionais da Funai, que é administradora do Projeto Calha Norte. Ao mesmo tempo começam as interferências nas culturas dos grupos indígenas.

Um bom exemplo é a construção de um aeroporto no território dos Yanomani de forma totalmente irresponsável pela Companhia dos Aeroportos da Amazônia. A nação Yanomani é a que menos teve contato com a civilização branca no território brasileiro. "Os brancos contratados para construir o aeroporto estão removendo malocas e fazendo trocas de roupas e alimentos. Os índios estão começando a conhecer açúcar e enlatados. Vários militares já foram flagrados fazendo coleta de ouro. Na verdade, toda essa

interferência está sendo altamente criminosa", denuncia João Pacheco.

Os ticunas

O problema assume feições diferentes quando a nação já está em contato com brancos. Os ticunas vieram em peso à SBPC, se encaixam nesse caso. Eles formam o maior grupo indígena da região, com vinte mil índios. Segundo João Pacheco, eles têm total domínio de sua área, aproveitando-a muito bem. "Não há por que parar o processo de demarcação do território Ticuna, que já está delimitado", acrescenta o antropólogo.

Os representantes dos ticunas explicam que essa é a segunda vez que eles vêm a Brasília. Em março de 85, os ticunas tiveram um encontro com representantes do governo no Conselho de Segurança

Nacional. Na época, o governo propôs o seguinte: os ticunas receberiam o título da terra se abrissem mão de uma parte da área. Os representantes ticunas precisavam consultar o povo e pediram que uma comissão fosse conferir de perto a situação na região do Alto Solimões. Pedro Mendes Gabriel, líder da tribo Ticuna, conta que a Nação não aceitou a proposta e que a comissão chegou a ir até a região, mas não falou com os ticunas.

A situação piorou com essa história de Projeto Calha Norte, afirma Pedro Mendes. "As invasões de madeireiros e de empresas pesqueiras aumentou muito. E a Funai não faz nada. Nós é que temos que expulsar os invasores, porque a Polícia Militar dá sempre cobertura para eles. Quando a Polícia Federal nos ajuda, esses invasores e os fazendeiros fazem ameaças. Dizem que vão chamar o Exército. Chamam os índios de bicho e até de comunistas."

Um perigo maior ameaça a Nação Ticuna: a desunião. Segundo o líder ticuna, por causa do Projeto Calha Norte, as aldeias estão ganhando geradores de energia elétrica. A Central Elétrica faz a ligação e depois cobra um pagamento por mês para sustentar o gerador. "Isso é para jogar índio contra índio. Depois quando tiver que pagar a taxa, e índio não tiver dinheiro, o povo vai brigar. Nós não queremos essas porcarias de máquinas, nós estamos reivindicando saúde, educação e demarcação, mais nada."

Fátima Cristina Cardoso

A cobertura da 39.ª reunião da SBPC foi feita em conjunto pelas equipes do Jornal do Campus da USP e do Jornal Campus da UnB. Foi a primeira atividade em conjunto dos dois jornais laboratórios. Participaram pelo Campus: Valéria Cristina, Ana Helena Rossi, Ricardo Miranda Filho, Adriana Vasconcelos, Ceci Almeida, Regina Elizabeth, Telma Regina Pavarino, Giselle Chassot, Luis Fernando Molina. Pelo Jornal do Campus: Fátima Cristina Cardoso, Nelson Campacci.